

VÍDEO DIGITAL COMO FERRAMENTA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DA NOVA DEMOCRACIA BIRMANESA

CAROLINA MONTEIRO ALVES¹; LORENA ALMEIDA GILL (ORIENTADORA)².

¹Universidade Federal de Pelotas – carolina.monteiro@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Pelo advento das novas mídias e acesso amplo ao registro e divulgação do cotidiano das pessoas por fotografia e vídeo digitais, vêm despontando cada vez mais filmes testemunhais de rápida execução e quase imediata absorção e resposta pelo público. No calor da popularização deste novo hábito, transformações políticas e sociais têm sido catalisadas e perpetuadas pelo arquivo digital, em forma de um filme que explora a realidade para denunciar. A repercussão que o material audiovisual tem potencial para adquirir não se vê apenas em propagandas partidárias internas a um regime, ou em como o figurino de uma novela pode influenciar na economia têxtil, mas o vídeo toma proporções mundiais (SANTOS, 1993). Para este estudo de caso, se pesquisou o papel desempenhado pelo vídeo na ascensão da democracia na Birmânia, país que vivia sob regime militar desde 1962 (CORDEIRO, 2012). No começo dos anos 2000, atrocidades cometidas pelo governo foram denunciadas por meio de vídeos amadores que, contrabandeados para redes televisivas internacionais, burlaram a censura imposta e promoveram o debate e a reflexão na comunidade internacional e até mesmo dentro do país. Assim, o estudo se dedica a investigar quais as possíveis respostas a estes vídeos, por parte da população birmanesa. Não é recente a fundamentação do uso do audiovisual como ferramenta de influência em embates políticos e sociais. No entanto, no caso específico da Birmânia, o que se viu não foi apenas a queda de um regime político autoritário, que se mantinha há mais de quarenta anos; mais que isso, eclodiu uma nova cultura de registro e de denúncia, assim relatada pelo documentário *Burma VJ – Reportando de um país fechado* (Anders Østergaard, 2008)¹.

2. METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa bibliográfica investigativa do material supracitado, que incluiu a história da Birmânia por materiais noticiários e foi realizada análise fílmica do documentário de imagens de arquivo *Burma VJ*, que é o principal registro da Revolução Açafrão² que possuímos. Sobre a recente história birmanesa, foram estudadas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado de cientistas políticos, além de uma série de relatórios sobre a Birmânia, realizada pela organização internacional independente protetora dos direitos humanos, *Human Rights Watch*. Também foram estudados autores que teorizam sobre o vídeo digital e sua relação com o espectador e sociedade (artigos de Edmond Couchot, Arlindo Machado, Jean Baudrillard, Guy Debord), além de um autor que

¹ Título original: *Burma VJ - Reporter et i lukket land*. “VJ” para “Vídeo-jornalistas”.

² Saída às ruas, em 2007, pelos monges budistas birmaneses em apoio à manifestação da população contrária ao regime.

teoriza sobre documentários, Bill Nichols. Sobre o trabalho coletivo e a história dos movimentos sociais trabalhados pela ação coletiva, são abordados a compilação de movimentos contemporâneos, em artigos do livro *Social Movements and Networks* (DIANI e MCADAM, 2003).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até então encontrados apontam que o desenvolvimento de uma cultura de registro na Birmânia foi uma grande resposta ao incentivo dos primeiros trabalhos realizados pelos ditos “vídeo-jornalistas” (VJs) - revelado pelos relatos documentais e pelos fatos históricos recentes. No começo dos anos 2000, atrocidades cometidas pelo governo foram denunciadas por meio de vídeos amadores, o que, de alguma forma, alterou a história daquele país. No começo do ano de 2008, o ciclone Nargis devastou o país, que não recebeu cuidados adequados por parte do governo, nem uma verdadeira avaliação dos fatos pelos canais de notícias nacionais. De forma semelhante às denúncias iniciais, a população “comum” realizou vídeos dentro dos abrigos improvisados e contrabandeou-os às televisões internacionais, justamente como o trabalho operado pelos vídeo-jornalistas. Assim, assistimos a apropriação do meio utilizado para a denúncia – vídeo – por parte da população. Isto não apenas feriu a autoridade do governo, mas sinalizou a vontade de expor suas vozes, prevalecendo sobre os temores dos cinegrafistas em terem o material destruído, sofrerem tortura ou até mesmo, o maior temor, que a sua família passasse por perseguição da mesma forma.

4. CONCLUSÕES

A virada de jogo, por parte da população resistente ao regime, configura uma passagem de desânimo para um estado de mobilização. Pode-se dizer, portanto, que se constitui como um processo de catarse, sendo o grande desempenho do vídeo digital na Birmânia a “arte” que causou esta passagem. A apropriação do vídeo como ferramenta de denúncia reavivou a esperança pela retomada dos movimentos populares na Birmânia, antes esmorecidos, reafirmando o vídeo como potente tecnologia de mudanças sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, M. G. **A Birmânia e a luta pela Democracia: 1988-2010**. Tese (Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2012. Acessado em 04 jun. 2014. Online. Disponível em: http://www.run.unl.pt/bitstream/10362/8676/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado_CPRI_RI_M%C3%A1rcia%20Guerreiro_A%20Birm%C3%A2nia%20e%20a%20Luta%20pela%20Democracia_1988_2010_Mar%C3%A7o%202012.pdf

DIANI e MCADAM. **Social Movements and Networks**: Relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

PARENTE, A. (org.). **Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual**. São

Paulo: Editora 34, 1993.

SANTOS, L. G. A televisão e a Guerra do Golfo. In: PARENTE, A. (org.). **Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Editora 34, 1993.

5.1. REFERÊNCIA AUDIOVISUAL

BURMA VJ – Reporting from a closed country. Anders Østergaard. Dinamarca, 2008, 84min, digital.